



Quando o *Kadish* é para nossos filhos e para os filhos dos outros: estratégias socioculturais do *Sonderkommando* em *Saul fia/Filho de Saul*, de László Nemes

When the *Kaddish* is for our Children and for the Children of Others: Social and Cultural Strategies of the *Sonderkommando* in *Saul fia/ Son of Saul*, by László Nemes

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiânia, Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: Em uma crucial sequência do filme *Saul fia/Filho de Saul*, 2015, do diretor húngaro László Nemes, acompanhamos, no auge da “Solução Final” na *Shoah*, um membro do *Sonderkommando* que é Saul Ausländer (Géza Röhrig) abordando um rabino nos territórios de Auschwitz-Birkenau: “Rabbi: Livre-se dele. Você conhece a reza? Eu rezarei. O nome dele. Não dá para fazer nada além disso. Saul: Não é o suficiente. Você sabe disso. Você sabe!” Saul, nesse contexto, deseja obsessivamente realizar o ritual do *Kadish* para um garoto, apresentado como seu suposto filho, que morrerá recentemente na câmara de gás e deverá ter o corpo cremado como centenas de milhares de pessoas nesses específicos campos de concentração e de extermínio. Tendo esse filme como *corpus* de estudo, observaremos e analisaremos como uma prática religiosa e cultural é capaz de reestabelecer memórias da tradição judaica em plena *Shoah*, ressensibilizar sujeitos desumanizados pelos variados e crônicos dispositivos de violências, bem como, e sobretudo, estender essa prática do cuidado e do respeito humano para os demais povos envolvidos pela tragédia.

Palavras-chave: Filho de Saul. Kadish. Shoah.

Abstract: In a crucial sequel to the film *Saul fia/Son of Saul*, 2015, by the Hungarian director László Nemes, we accompany, at the height of the "Final Solution" of the Shoah, a member of the *Sonderkommando*, Saul Ausländer (Géza Röhrig) approach a rabbi in the territories of Auschwitz-Birkenau: "Rabbi: - Get rid of him. Do you know the prayer? I will pray. His name. You can not do anything else. Saul: That's not enough. You know it. You know!" Saul, in this context, obsessively wishes to perform the *Kaddish* ritual for a boy, presented as his supposed son, who had recently died in the gas chamber and should have the body cremated as hundreds of thousands of people in these specific concentration camps. Having such a film as a *corpus* of study, we will observe and analyze how a religious and cultural practice is able to reestablish memories of the tradition of the Hebrew people during Shoah, to resuscitate dehumanized subjects by the varied and chronic devices of violence, as

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).



well as, and above all, to extend such practice of human care and respect for the other peoples involved in the tragedy.

Keywords: Son of Saul. Kaddish. Shoah.

Saul: Rabbi... Enterrar alguém.

Rabbi: Enterrar? A reza já chega.

Saul: Tenho o corpo. Ajude-me!

Rabbi: Livre-se dele. Você conhece a reza? Eu rezarei. O nome dele. Não dá para fazer nada além disso.

Saul: Não é o suficiente. Você sabe disso. Você sabe!

(László Nemes)

In the reality of Holocaust there is no God's point of view. But, if you bring that back to the human level and show a little then it can give the spectators much more perception of the horror in a truer sense. That was the point that we wanted to make.

(László Nemes)

A luta em torno de questões morais nunca tem lugar, pois os aspectos morais das ações não são imediatamente óbvios ou sua descoberta e discussão são deliberadamente evitadas. Em outras palavras, o caráter moral da ação é invisível ou propositalmente encoberto.

(Zygmunt Bauman)

Introdução

O cineasta húngaro László Nemes inicia o filme *Saul fia/Filho de Saul*, 2015, com a seguinte marcação histórica:

Sonderkommando: Expressão alemã. Termo utilizado nos campos de concentração para designar prisioneiros com *status* especial. Também chamados de "Portadores do segredo". Os membros



de um *sonderkommando* eram separados do resto. Eram mortos após alguns meses de trabalho.¹

A explicação é pontual, breve e até lacônica para um fenômeno singular envolvendo particularmente um segmento não tão conhecido historicamente, e sequer divulgado de modo dialógico e empaticamente crítico. Esses prisioneiros do *Sonderkommando* eram encarregados das ações que envolviam a chegada, a morte e a eliminação dos corpos dos prisioneiros nos campos de concentração e de extermínio mantidos pelo governo alemão, e seus aliados políticos, na Segunda Guerra Mundial. Esses prisioneiros são forçados a transportar essas vítimas da guerra para as instalações das câmaras de gás, enganando-as com discursos retóricos de sobrevivências impossíveis, retirar-lhes os diversos bens que lhes restaram (joias, dinheiro, documentos, fotos, roupas, sapatos e afins), retirar os cadáveres das câmaras, limpar essas câmaras para novos grupos que chegarão e, por fim, incinerar os cadáveres, eliminando suas cinzas físicas para apagá-los completamente de possíveis registros históricos. As vidas desses sujeitos eram asseguradas, quando em tais trabalhos forçados, por alguns meses. Após isso, também eram descartados como os demais segmentos executados (ciganos, gays, protestantes, comunistas, inimigos de guerra, entre outros) o eram.

Nemes tratará, pois, em seu filme, das espacialidades de Auschwitz-Birkenau, tidas contemporaneamente como símbolos exemplares do ápice da “Solução Final” concretizada pela plataforma política do nazismo. Pelo seu roteiro, acompanhamos as ações particulares, e intrinsecamente coletivizadas, de Saul Ausländer (Géza Röhrig), o *kommando* 7005, que trabalha forçadamente nessa área e se encontra perante um caso inusitado que é o de encontrar um garoto que sobrevivera à câmara de gás. O rapaz é morto pela equipe médica do campo de concentração, para ter seu corpo fosse estudado com a justificativa de se querer compreender as razões de sua sobrevivência. Saul, ao acaso, encontra esse corpo e imediatamente o assume como seu filho. Essa empatia o faz movimentar-se, durante toda a diegese fílmica, no objetivo obsessivo de construir condições que efetivem o ritual judaico do *Kadish*.

Mesmo que o roteiro dê indícios de que o garoto não é de fato filho de Saul, este não age como se isso não tivesse importância decisiva, pois suas ações objetivam algo maior que suas preocupações étnicas e, principalmente, personalistas e familiares. Seu objetivo maior parece ser o de ressensibilizar, diante da desumanização que é imposta, a si próprio e ao grupo de companheiros com o qual trabalha por quase três meses nesses trágicos campos da morte.

O núcleo central desse enredo está inserido em um contexto maior que é a sublevação histórica, ocorrida nesse espaço. No tempo de um dia e meio,

¹ NEMES, 2015.



acompanhamos Saul executando, aparentemente de modo apático e mecânico, seu trabalho no grupo de *Sonderkommando*, participando dos planos de destruição e de fuga do lugar² e, sobretudo, se esforçando ao limite para encontrar um rabino capaz de executar o ritual do *Kadish* para o menino judeu húngaro.

É nesse contexto, e na especificidade da *Shoah*, que trataremos de temas como: as estratégias de sobrevivência e de ressensibilização de membros do *Sonderkommando*; da falsa *hybris* individualizada que encobre a salutar empatia que o protagonista demonstra por sua etnia, sua família, seu povo húngaro e pela humanidade diversa, heterogênea e conectava; por fim, do *Kadish*, como prática devocional e de piedade, que se estende de modo indiscriminado a toda e qualquer rede coexistencial.

² Sobre essa sublevação necessária, temos que: “Durante o verão de 1944, com a chegada de mais de 440.000 judeus húngaros em Auschwitz, houve um incremento nas operações de assassinato em massa por gás no local. Devido ao enorme número de prisioneiros que iriam ser sufocados nas câmaras de gás, os alemães tiveram que aumentar o número dos destacamentos especiais de prisioneiros que eram obrigados a trabalhar [OBS: recolher corpos etc.] na área de extermínio. No entanto, no outono de 1944, os destacamentos foram reduzidos novamente, e os membros do *Sonderkommando*, com medo de serem exterminados, planejaram uma revolta e fuga subsequente. O plano teve o apoio das prisioneiras, as quais conseguiram obter pólvora clandestinamente nas fábricas da região, nas quais executavam trabalhos forçados. O explosivo foi levado por elas aos membros do *Sonderkommando*, os quais, em 7 de outubro de 1944, iniciaram a revolta, explodindo o crematório IV e matando vários guardas das SS. No entanto, a luta foi rapidamente contida pelos guardas do campo. Todos os membros do *Sonderkommando* foram exterminados, e as quatro mulheres que haviam obtido a pólvora foram enforcadas em 6 de janeiro de 1945, poucas semanas antes da libertação do campo. Em Auschwitz-Birkenau, prisioneiros do *Sonderkommando*, um grupo especial [de judeus] que tinha como tarefa queimar os corpos de seus irmãos executados pelos nazistas, souberam que seriam os próximos a serem mortos. Em 7 de outubro de 1944, um grupo deles se rebelou, matando três guardas e explodindo o crematório. Centenas escaparam, mas a maioria foi recapturada e executada. Quatro jovens mulheres acusadas de fornecer dinamite aos revoltosos foram enforcadas na frente dos demais prisioneiros. Uma delas, Roza Robota, de 23 anos, ainda teve a coragem de gritar: “Sejam fortes, tenham coragem”, quando a porta do alçapão se abriu.” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, WASHINGTON, DC, 2017).



1 *Sonderkommando*³ e o início fora de foco

Nemes inicia seu filme com um plano-sequência⁴ apresentando o personagem Saul trabalhando em um dos crematórios de Auschwitz. Ele auxilia seus colegas a guiarem um grupo de judeus húngaros para a câmara de gás. Seu olhar aparentemente é sem vida e percebemos que ele cumpre sua função de modo

³ Para a compreensão desse complexo e singular fenômeno que é o *Sonderkommando* ver: ARAÚJO (2017); BAUMAN (1998b); DEE (1999); FRIEDMAN (2007); FROMER (2003); GILBERT (1985); GREIF (2005); HOLOCAUST Education & Archive Research Team (2017); LANZMANN (2013); ROCCAS (2000); SHIELDS (2017); VENEZIA (2010). Sobre a revolta específica que Nemes representa/expressa em seu filme, ver: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, WASHINGTON, DC, 2017.

⁴ A respeito da estética adotada por Nemes há uma série de críticas que são empáticas ao seu projeto com o hiper-realista mergulho representacional/expressivo de fatos históricos recortados de sua *Shoah*; bem como críticas que desacreditam da capacidade artística, propedêutica e política de tal projeto, seguindo uma ótica adorniana da incapacidade de simbolizarmos tragédias de tais dimensões. Para acompanhar tais polêmicas sobre estética e temática, quando for o caso, queira consultar: FELDMAN (2017); GANJAVIE (2017); HESSEL (2012); JUNQUEIRA (2017); (OGEDA, 2017); RIBEIRO (2017); SANTIAGO (2017); SELIGMANN-SILVA (2016); SPADA (2017). Destacamos um exemplo dessa fortuna crítica parcialmente imersa na segunda vertente, que demonstra preocupações quanto ao projeto, sem no entanto lhe esvaziar o valor de representação/expressão que se consegue fazer contemporaneamente: “A originalidade de *O filho de Saul* é sem dúvida seu primeiríssimo plano, o uso radical do close-up, que deixa o espectador prisioneiro, enclausurado e claustrofóbico. A primeira meia hora do filme fica insuportável. Depois, com o desenrolar da trama, nos acostumamos e passamos inclusive a admirar a perspectiva que como que “esfrega a realidade em nosso nariz”. Trata-se do primeiro plano da vítima, como ocorre em filmes *snuff* (denominação inglesa que vem de fungar: nariz novamente) ou pseudo-*snuff*. Podemos pensar que essa câmara visa indicar o fato de que em Auschwitz não existe a distância que permite ver e julgar o mundo.” (SELIGMANN-SILVA, 2016). O autor, por exemplo, seguirá sua exposição alegando o fato de que tal narrativa, talvez por suas escolhas estéticas, abrangerá estratégias da narrativa mítica, diminuindo, pois, seu caráter de intervenção histórica e política. Esse é apenas um exemplo da variada recepção que o filme vem recebendo. Apesar de recepção heterogênea, o filme recebeu inúmeros prêmios de festivais de cinema de arte e o de *mainstream*. Nesse segundo viés, recebeu o Oscar de Melhor filme estrangeiro de 2016.



mecânico. Ele guia os prisioneiros para a câmara de gás ao som de uma voz de comando maior que recita um dos textos mais desumanizadores de nossa história:

Guarda SS: Precisamos de gente como vocês nas oficinas. Vocês terão um trabalho e serão bem pagos. Após a ducha e a sopa, venham direto me ver. Nós precisamos de enfermeiras. Precisamos de artesãos de todo tipo. Marceneiros, carpinteiros, pedreiros, concreteiros, mecânicos, serralheiros, eletricitas. Quando estiverem prontos, venham me procurar. As roupas permanecem aqui. As bagagens também. Tirem as roupas. Mais rápido! Lembrem-se do número do prendedor. Mexam-se, a sopa vai esfriar. Abra a porta. [Durante a resistência de uma prisioneira nua ao entrar para a câmara de gás]. O que houve aqui? [Quando a prisioneira é empurrada para a câmara] Obrigado! Sigam em frente. Fechem a porta.⁵

Desse modo, encena-se uma sarcástica manobra usada pelos nazistas que tentavam minimizar para si mesmos os mecanismos da destruição em massa, oferecendo um quadro dolorosamente truncado para aqueles que seriam executados.

Ausländer cumpre esses protocolos tecnocratas da destruição, como mencionado, de modo automatizado, pois está habituado e forçado a essa condição de trabalho por três meses. No entanto, parece que essa ocasião será singular. Essa singularidade é dada pelos dispositivos de filmagem articulados pela equipe cinematográfica de Nemes. Nessa primeira sequência, uma das variadas situações de assassinato em massa ocorrida nessas espacialidades, mesmo antes de o grupo de prisioneiros entrar na antessala da câmara de extermínio, antes mesmo de nos darmos conta do trabalho peculiar do *Sonderkommando*, uma imagem fora de foco abre a sequência. São dois garotos brancos e bem vestidos brincando debaixo de duas grandes árvores, tendo ao fundo um bosque. Não se consegue deduzir adequadamente se tais crianças são filhos dos judeus húngaros que morrerão nesse dia ou se são filhos dos funcionários alemães do campo.

No entanto, *a priori*, pelas roupas e pela liberdade da qual esses garotos dispõem, talvez sejam crianças alemãs que viviam próximos a esses campos com suas famílias e circulavam de modo livre e curioso pelos lugares. Saul entra no quadro, olhando tanto para os garotos quanto para o horizonte de morte que se abre diariamente a sua frente. De forma semelhante, ao final do filme, Saul tem seu último contato em vida com um garoto, que também provavelmente é um dos filhos dos funcionários alemães desses campos. Dessa forma, o enredo tem como motor diegético básico, aquela relação intergeracional baseada predominantemente na transmissão de

⁵ NEMES, 2015, 4'45-7'35.



tradições, bem como nas transformações históricas que essas tradições sofrem no decorrer dos tempos, principalmente em condições de intensos confrontos de valores, ideias, crenças e comportamentos.

Nemes, em entrevista sobre a produção do roteiro, esclarece que a infância realmente fora um de seus alvos maiores ao dar luz ao seu filme. Por volta de cem mil crianças judias da Hungria são resgatadas em um recorte histórico que exige maior compreensão sobre suas engrenagens. De acordo com o diretor:

Question: It is very bold of you to tell a fictional story about the Holocaust given the fact that such topics are always faced with different sorts of reactions and controversies. What motivated you to do this courageous thing?

László Nemes: Let me tell you what our historical adviser sent me in a message. He said that he calculated that out of the 430,000 Hungarian Jews who were deported in eight weeks 100,000 were children under eighteen who went to the gas chambers. And these children never got a burial. He hopes that one day we'll have 100,000 viewers in Hungary, which will never happen. We will have 5,000 or maybe 1,000 but if 100,000 viewers go to Hungary and view this film then maybe each of them is in a way representing a buried child. It's very emotional. It's an open wound and you can feel it. People tend to say that it is just another story about the Holocaust; like another story about the Titanic, some kind of mythical thing. No, it's not just another story. For us, it's the present, not a myth. That motivated us to make it—we wanted to make it present.⁶

Em uma alegoria que alcança o cotidiano da vida, ele pretende-se pois dar um enterro, mesmo que *a posteriori*, digno a milhares de crianças judias húngaras em um contexto no qual os indivíduos que lhes deveriam demonstrar respeito e cuidados não possuíam as mínimas condições humanas para essa ação primordial no trato familiar, social e humanitário em sentido mais amplo.

Necessidade e capacidade de cuidados essenciais para com a infância em tempo de guerra estão então cronicamente desconstruídas. Isso se deve ao estado psicossocial das vítimas imersas arbitrariamente nos subterrâneos do maquinário tecnocrata da morte que foi a “Solução Final Alemã”, movida pela, entre outros princípios supostamente civilizatórios, noção de pureza pessoal e comunitária. Contexto que,

⁶ NEME, 2017.



na observação de Zygmunt Bauman,⁷ tentou justificar o desastre perpetrado que é recortado em nosso *corpus* de estudo. Para o crítico:

Os grandes crimes, freqüentemente, partem de grandes idéias. Poucas grandes idéias se mostram completamente inocentes quando seus inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade mas algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. Entre esses tipos de idéias, ocupa posição privilegiada a da visão da pureza. "A Solução Final Alemã", observou a escritora americana Cynthia Ozick, "era uma solução estética; era uma tarefa de preparar um texto, era o dedo do artista eliminando uma mancha; ela simplesmente aniquilava o que era considerado não-harmonioso".⁸

De encontro a essa mancha, construída arbitrariamente e equivocadamente, particularmente em relação às crianças e adolescentes judeus exterminados, é que o *kommando* Saul Ausländer e o diretor Nemes se voltarão no objetivo de representar e expressar paradigmas civilizatórios outros. Paradigmas que possam ser construídos e movidos pelas crenças do convívio entre grupos humanos historicamente variados, heterogêneos e conectados pelo respeito às alteridades intrinsecamente constitutiva.

Se a plataforma nazista representou, de modo cronicamente desarrazoado, a epítome dos valores de beleza, ordem e limpeza, as ações trágicas que acompanhamos Saul executar tentarão retomar a ordem justa e equânime que certas sociedades se esforçam por atingir. No campo da brutalidade e da desumanização bélicas,⁹ os

⁷ Bauman escreve de modo sistemático sobre a *Shoah*. Seu histórico de pesquisa, bem como sua constituição pessoal e cultural judaica o lançam nas reflexões sobre esse desastre histórico. Sua perspectiva é estimulada, entre outros, pelos estudos socioculturais de Sigmund Freud (estudos, por exemplo, feitos em *O mal-estar da pós-modernidade*, 1998a) quando esse pensador tenta compreender disfuncionalidades psicossociais geradas pelo excesso de normalizações do campo instutual humano, bem como as segregações e preconceitos geradas por esse modelo de civilização. Destacamos aqui o corajoso, dialético e pormenorizado estudo que Bauman empreende em seu *Modernidade e holocausto* (1998b).

⁸ BAUMAN, 1989b, p. 13.

⁹ Apesar de longa, são necessárias as descrições pormenorizadas e as reflexões que Bauman elabora sobre o processo de desumanização, robotização e invisibilização gerado pela tecnocracia bélica nazista e afins: "Se o toque de Midas transformava tudo em ouro, a administração SS transformava tudo que caía em sua alçada — inclusive as vítimas — em parte integrante da cadeia de comando, sujeito às regras estritamente disciplinares e livre de julgamento moral. O genocídio foi um processo



múltiplo; como observou Hilberg, incluiu coisas feitas pelos alemães e coisas feitas — sob ordens alemãs, embora muitas vezes com dedicação que beirava a desistência de si mesmo — pelas vítimas judaicas. Esta é a superioridade técnica de um extermínio em massa deliberadamente projetado e racionalmente organizado em relação a acessos desenfreados de orgia assassina. A cooperação das vítimas com os executores de um pogrom é inconcebível. A cooperação das vítimas com os burocratas da SS foi parte do projeto: com efeito, foi uma condição crucial do seu sucesso. "Um vasto componente de todo o processo dependia da participação dos judeus — tanto os simples atos individuais quanto a atividade organizada em conselhos... Os supervisores alemães buscavam nos conselhos judaicos informações, dinheiro, mão de obra ou policiamento e os conselhos lhes davam tudo isso diariamente." Esse espantoso efeito de estender com sucesso as regras da conduta burocrática, completado com a deslegitimação de lealdades e motivos morais alternativos no geral para abranger as pretendidas vítimas da burocracia, com isso empregando seus talentos e mão de obra na execução da tarefa de sua própria destruição, foi alcançado (muito como na atividade corriqueira de qualquer outra burocracia, sinistra ou benigna) de uma maneira dupla. Primeiro, o cenário externo da vida no gueto foi concebido de tal forma que todas as ações de seus líderes e habitantes só podiam ser "funcionais" para os propósitos alemães. "Tudo que visasse a manter sua viabilidade [do gueto] estava promovendo simultaneamente um objetivo alemão... A eficiência judaica em alocar espaço ou distribuir rações era uma extensão da eficiência alemã. O rigor judeu na taxação ou na utilização da mão de obra era um reforço da severidade alemã; até a incorruptibilidade judaica podia ser um instrumento do governo alemão." Segundo, tomava-se um cuidado especial para que a cada passo do caminho as vítimas fossem colocadas em uma situação de opção onde pudessem aplicar critérios e ação racional, e na qual a decisão racional invariavelmente concordava com o "desígnio administrativo". "Os alemães foram notavelmente bem-sucedidos em deportar judeus por etapas, porque os que permaneciam raciocinavam que era necessário sacrificar uns poucos para salvar muitos." Por sinal, mesmo aqueles já deportados tinham a oportunidade de empregar sua racionalidade até o fim. As câmaras de gás, sedutoramente chamadas de "banheiros", eram uma visão bem-vinda depois de dias e dias em imundos vagões para gado. Aqueles que já sabiam da verdade e não alimentavam ilusões ainda tinham uma opção entre uma morte "rápida e sem dor" e outra precedida por sofrimentos extras reservados para os subordinados. Daí não apenas as articulações externas do cenário do gueto, sobre o qual as vítimas não tinham controle, eram manipuladas de modo a transformar o gueto como um todo numa extensão da máquina de extermínio; também as faculdades racionais dos "funcionários" dessa extensão eram empregadas para omitir o comportamento motivado pela lealdade e cooperação com os fins burocraticamente definidos. (BAUMAN, 1998b, p. 42-43).



valores e o cuidados com os segmentos infantis e adolescentes funcionarão como teste para se compreender se tais valores de base, supostamente universais, estão gerando condições efetivas para o bem-estar integral da humanidade em toda as suas possibilidades de relações coexistenciais. Ainda sobre esses projetos de ordenação e reordenação sociais, bem como os sacrifícios que isso implica, seguimos Bauman:

Assim como "cultura" ou "civilização", modernidade é mais ou menos beleza ("essa coisa inútil que esperamos ser valorizada pela civilização"), limpeza ("a sujeira de qualquer espécie parece-nos incompatível com a civilização") e ordem ("Ordem é uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão"). A beleza (isto é, tudo o que dá o sublime prazer da harmonia e perfeição da forma), a pureza e a ordem são ganhos que não devem ser desprezados e que, certamente, se abandonados, irão provocar indignação, resistência e lamentação. Mas tampouco devem ser obtidos sem o pagamento de um alto preço. Nada predispõe "naturalmente" os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem.¹⁰

"Procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observa a rotina chamada ordem" poderia ser também uma das frases motivacionais a serem estampadas nos variados campos de concentração e de extermínio de nazistas e de seus parceiros. "*Arbeit macht frei*/ O trabalho liberta" é o *slogan* mais conhecido de tais campos e o *leitmotiv* revisitado que Nemes usa aos nos mostrar como os prisioneiros judeus são recebidos e enganados sobre o projeto civilizatório imposto pela sociedade alemã da época em que se acredita serem necessários sacrifícios humanos em massa para se eliminar "monstruosidades, sujeiras e desordens" incompatíveis com a civilização que se pensa ser a possível e adequada.

Beleza, ordem e limpeza também são valores que baseiam a perspectiva acional de Saul, bem como a qualquer outro ordenamento social possível – o judeu húngaro que faz um trabalho forçado capaz de lhe minar crenças e princípios pessoais e coletivos. Supostamente ele nos é apresentado como anestesiado pelas desgraças que se abatem sobre seus ombros. No entanto, será capaz ainda de ativar meios de compreensão e de ressensibilização humanas quando cria o dispositivo do filho morto que deverá, a qualquer custo, receber as dignas orações fúnebres.

¹⁰ BAUMAN, 1998a, p. 7-8.



2 *Kadish* e a ressensibilização dos que ainda estão vivos

Bauman (1998b) afirma que as vítimas judias da *Shoah* são dispostas no contexto da invisibilidade para as outridades que lhes impõem o terror, para as pessoas de sua etnia e, o mais aterrorizante, pra si mesmas como agentes do terror. Assim, vemos o *Sonderkommando* no qual Saul presta seu trabalho forçado. A rigor, os laços históricos da tradição judaica húngara estão desfeitos e esquecidos. As origens anteriores à vida nos campos de concentração e de extermínio são suspensas para que a sobrevivência mínima tenha seu lugar. As individualidades, no lado dos vitimados, são transformadas em mecanismos úteis e facilmente descartáveis pela complexa engrenagem tecnocrata em curso.

Em contrapartida a essa situação de violências, há uma peculiaridade disposta pelo filme de Nemes: Saul é um judeu húngaro que é relojoeiro. Em certa parte do roteiro, diz ser capaz de tudo poder consertar. Assim, o acompanhamos na sua tentativa de fazer parte da sublevação histórica de seu grupo. De fato, esforça-se por auxiliar o colegas a coletar provas audiovisuais das reais ações dos nazistas, com a finalidade de divulgá-las como comprovantes incontestes do que alemães e aliados tramam e executam.

Junto a esse trabalho de conserto/concerto grupal, o relojoeiro tentará um conserto mais básico para enfrentar a maquinaria que abate sobre si mesmo, seu grupo específico, e o grupo maior de judeus húngaros, na figura de suas crianças que são executadas e não recebem os devidos ritos tradicionais de devoção e piedade. Nesse ponto, Saul encontra o corpo do garoto que sobrevivera à câmara de gás, mas que é morto em seguida e deverá ter seu corpo estudado e, em seguida, cremado para não deixar vestígio das práticas ali executadas.

De modo obsessivo, esse *kommando* tentará preparar o *Kadish*¹¹ para esse garoto, procurando um rabino que tenha a legitimidade para executar o cerimonial. Nenhum

¹¹ Sobre o *Kadish*, suas origens, estrutura, função e variações, queira acompanhar exposições e estudos de CHABAD (2017); CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA (2017); ROITBLOG (2017). Também destacamos aqui a funcionalidade variada e heterogênea do ritual: “Há cinco versões de *kadish* proferidas em momentos diferentes da liturgia judaica. O *kadish* dos enlutados (*kadish yatom*), dentro da ortodoxia judaica deverá ser pronunciado apenas por parentes da pessoa falecida. Na liturgia dos ramos liberais, o *kadish yatom* costuma ser pronunciado por todos os que estejam na sinagoga e o desejarem fazer em honra ao falecido. Pela ortodoxia, um filho enlutado deverá recitar o *kadish yatom* pelos onze meses seguintes ao falecimento de seu pai ou sua mãe. A recitação pelo falecimento de um irmão, irmã, esposa, marido, filho ou filha é de apenas um mês. Também é recitado nos aniversários da morte.” (ROITBERG, 2017).



de seus companheiros judeus compreenderá e aceitará esse objetivo, admoestando-o para que ele se esforçasse exclusivamente no auxílio à sublevação que o grupo estava organizando. A destruição do campo, a consecução das provas audiovisuais e a fuga conformariam o objetivo único, elaborado de modo consensual. Não se haveria de perder tempo e energias na ritualística fúnebre pra um garoto do qual sequer se tinha a certeza da origem familiar, apesar de que Saul insistisse em afirmar que se tratava do cadáver de seu filho biológico.

Por que seria importante a realização do *Kadish* para um defunto conhecido ou, o que parece ser o caso, um defunto desconhecido, enquanto centenas de milhares lutavam para manter suas vidas com todas as estratégias de sobrevivência possíveis? Para tentar refletir sobre a cronicidade dessa situação, lembramos alguns aspectos desse ritual:

O *Kadish* é um hino de louvor a D'us. Por ser tradicionalmente recitado nos enterros e nos serviços comemorativos dos finados, ele é popularmente considerado como uma oração pelos mortos. Entretanto, o *Kadish* não faz nenhuma referência à morte ou ao luto. É puramente uma exaltação a Deus e uma súplica por um mundo de paz. Embora os cabalistas do século XVI atribuíssem um caráter místico ao *Kadish*, alegando que toda vez que ele era recitado, a alma do falecido se elevava a um nível espiritual mais alto, o valor intrínseco do *Kadish* se relaciona a pessoa que o recita. Há uma expressão pública de fé em Deus por parte do enlutado, uma aceitação da Sua vontade mesmo em face da dor e da tristeza, uma submissão aos desígnios divinos diante da incapacidade de racionalizar uma tragédia pessoal. O *Kadish* tem sido um dos fatores predominantes da continuidade do povo judeu – um elemento essencial daquele cordão umbilical que vem ligando as gerações judaicas uma a outra através dos tempos.¹²

Ao lado do desejo de auxiliar o defunto a chegar a níveis positivos de existência, esse ritual também influencia os que estão vivos: “O valor intrínseco do *Kadish* que relaciona com a pessoa que o recita.” Nesse aspecto é que o relojoeiro Saul também atua como aquele que se responsabiliza pela memória intergeracional que é perpetrada na *Shoah*. O “tudo poder consertar” vai além das reações previsíveis que se pode ter em tempos de confinamento e de destruição. Ou seja, se o opressor gera o confinamento e as condições sub-humanas de existência, a forma efetivamente produtiva de sobrevivência seria o desvio do corolário que isso gera de modo pragmático. Sublevação e fuga entram, pois, no cômputo das relações que continuam

¹² CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA, 2017.



a invisibilizar e a submeter a vítima em vários planos de sua coexistência. Nisso, quando Saul se esforça por resgatar o *Kadish*, é a memória de seu povo que ele procura resgatar, enfrentando e desconstruindo os rigores bélicos que procuram silenciar massivamente a cultura judaica húngara.

Saul ao agir como um *kommando* é tido como “o guardador do segredo” como os alemães e seus partidários denominavam esses prisioneiros em trabalho forçado. O segredo dizia respeito às práticas de extermínio em massa de tais espacialidades. Judeus obrigados a atuarem desse modo sabiam que suas vidas também eram provisórias, pois a qualquer ato de desobediência eram mortos como aqueles que levavam para as câmaras de gás. Guardavam, desse modo, o segredo do poder mortífero que os nazistas exerciam, com relativa ignorância, dos demais governos da época.

Outro segredo guardado também por Saul é o da básica ressensibilização humana das vítimas. Para continuar vivo, não bastaria a importante consecução da sublevação, da destruição do campo e da fuga. Algo mais seria necessário para se alicerçar o enfrentamento feito às força destruidoras. Entra no campo, pois, a engenharia da devoção, da piedade e do resgate necessário da memória de crianças que são executadas e que por elas alguém deva se lembrar, prantear e honrar. Sua insistência em planejar e executar o ritual do *Kadish* preenche quantitativa e qualitativamente os núcleos acionais do filme. Vejamos um exemplo de sua convicção diante tal segredo pertinente à luta contra a invisibilidade do povo judeu (bem como de outros segmentos populacionais disposto no Holocausto):

Saul: Não deve abrir esse menino. Deixe-o assim como ele está.
Não.

Doutor (Dirigindo-se ao assistente): Saia. (Dirigindo-se a Saul):
Ele é um dos seus? Que importância tem ele? O senhor não precisa dele. Mas sua mente sim. De onde você vem?

Saul: De Ungvár.

Doutor: Aqui sou um prisioneiro, assim como você. Venha hoje à noite. Poderá passar uns minutos com ele. Mas, ao final, ele será queimado junto com os outros. Qual é o seu nome?

Saul: Ausländer. Saul.¹³

O *kommando* húngaro, nessa sequência, invade a sala médica do campo, suplicando ao médico, que também é de origem húngara e que diz trabalhar de modo forçado para os nazistas, para que ele lhe dê o corpo do garoto com a finalidade de lhe oferecer o *Kadish*. O médico reluta, mas entra no exercício libertário de Saul e lhe dá a

¹³ NEMES, 2015, 12'47-14'00.



permissão para o ritual. No entanto, diz-lhe que o corpo deve ser devolvido no outro dia para que os exames e sua eliminação completa sejam devidamente cumpridos.

3 Transversalidades éticas da *hybris* em coletividades heterogêneas e conectadas

No início deste artigo, descrevemos a sequência fílmica inicial na qual Saul nos é apresentado. Quando ele entra em cena, com todo o desfoque expresso pela câmera, duas crianças brincam despreocupadamente à sombra de árvores. O *kommando* as olha e segue adiante em seu trabalho de eliminar os rastros da intensa execução de prisioneiros. Saberemos também que ele está auxiliando seu grupo na sublevação do maquinário nazista. E, o mais importante, seguimo-lo articulando o ritual do *Kadish* para o cadáver do garoto que seria seu filho. No entanto, quando Saul conta seus planos para os companheiros, vemos que é desacreditado tanto em relação à suposta paternidade, quanto ao ritual que poderia colocar os planos de fuga do grupo em risco. O que de fato ocorre. Abraão, o líder do grupo, fala nesse contexto:

Abraão: Quem é ele?

Saul: É meu filho.

Abraão: Mas, você nunca teve um filho.

Saul: Sim, tenho um. Preciso enterrá-lo.

Abraão: Não precisa de um rabino para isso.

Saul: Um rabino saberá como fazer.

Abraão: Ele não sairá daqui e você... livre-se do corpo.¹⁴

O *Kadish* é descartado ou pelo menos tem seu valor diminuído e abreviado perante um plano que seria mais pragmático para a sobrevivência física desses judeus. Abraão tenta trazer o companheiro novamente para a dinâmica entre opressor e vítima, que ocasiona a desumanização e invisibilidade das vítimas. Não compreende o empreendimento de resgate humano desesperadamente efetivado por Saul. A rigor, inclusive avalia o comportamento do colega como motivado por uma *hybris* pessoal diante do sofrimento de grande envergadura coletiva. Por que colocar em mais risco a segurança do grupo em prol de um ritual de piedade para uma garoto do qual sequer se sabe de que família é?

Pensamos, aqui, na primordial prática de ressurreição da capacidade de se acreditar na vida, no âmbito daqueles que continuam vivos em contextos de crônicas e terminais violências, sendo que tais vivos estão dispostos em uma rede coexistencial maior que aquela familiar. Gilles Deleuze e Félix Guattari,¹⁵ pensadores de

¹⁴ NEMES, 2015, 1'20"01-1'20"38.

¹⁵ Esses pensadores tratam, entre outros temas, de processos de subjetivações pertinentes às individualidades nas dimensões multi-institucionais. Em dialógicas



dispositivos de institucionalizações e subjetivações modernas e contemporâneas, afirmam que “Através da fotografia de família, há todo um mapa-múndi.”¹⁶

De fato, o objetivo de salvar a si próprio e aos familiares de contexto de risco parece ser um dos móveis existenciais que mais agem no fomento das ações. Tais comportamentos são descritos e valorizados como modos exemplares de ações moralmente aceitas e eticamente esperadas. Como espectadores empáticos, tranquilizamo-nos, assim, com as ações aparentemente personalistas e familiares de Saul Ausländer e compreendemos o que poderia ser visto como atitudes imprudentes, causadas por sua busca de um rabino que pudesse fazer o *Kadish* para seu filho. A situação, porém, parece ter mais elementos que estes.

Mencionamos as crianças na sequência inicial desse filme. Agora tratamos as da sequência final. Nela, Saul está fugindo com seus companheiros, após a tentativa de destruição do campo de extermínio de Birkenau. O intento não tivera o sucesso esperado e os judeus húngaros fogem, cruzando bosques e um rio, até chegarem a um celeiro. Ali serão encontrados pelos soldados nazistas que matarão a todos. Antes, no entanto, Saul, de dentro do celeiro, verá que um garoto branco e bem vestido, e mais claramente assemelhando a um garoto alemão que aqueles dois do início desfocado, o olha curioso e quase com simpatia. O grupo nazista chega nesse momento. Um dos soldados recolhe o garoto e os demais exterminam o *kommando* e todo o seu grupo. Saul, pela primeira vez, esboça algo como um sorriso. Um sorriso de descanso talvez por uma tarefa que pensasse ter cumprido ou de compreensão maior sobre o valor de ter conseguido cuidar de sua vida, da vida de sua família, da vida dos judeus húngaros, da vida dos variados segmentos populações colocados nas portas da morte inevitável, e, sobretudo, daquela compreensão delicada e complexa da necessidade de se salvar, via homenagens ritualísticas, um ideal de futuro para as vidas de crianças e adolescentes de toda e qualquer etnia.

As ações do *kommando* Saul apenas em um primeiro momento podem ser judiciadas, então, como pertencentes àquela atmosfera de uma *hybris* pessoal. É mais que isso, quando acompanhamos sua interação e esperança no corolário a ser atingido. Talvez, porém, haja mesmo alguns aspectos da arrogância e autossuficiência, motores

interações com a psicanálise freudiana, tais reflexões atentam para as possibilidades de o núcleo parental, efetivado basicamente pelo Complexo de Édipo, ser sistemicamente constituído pela dimensão psicossocial; ou seja, núcleos subjetivos e instituições históricas estão em relação de interação constitutiva. O núcleo pessoal e familiar, assim, só teria condições de existir quando estendido às demais instituições sociais, como a cultura, a política hegemônica, aos aparatos educacionais, à economia, entre outras. Para acompanhar com mais detalhes e desdobramentos desses pensadores quanto a essa questão, ver: DELEUZE; GUATTARI, 2003; 1972.

¹⁶ DELEUZE, GUATTARI, 1972, p. 31.



históricos de situações trágicas, de acordo com a tradição mítico-social de algumas culturais ocidentais. Porém, se tais elementos aí existem, funcionam no objetivo de o sujeito criar condições de enfrentamentos a situações também epicizantes. Do *ethos* “epitrágico”, acompanhamos Saul rebelar-se contra um *socius* autoritário, excludente e de extrema potência destrutiva, para propor de modo prático a desconstrução desse *modus operandi* para vidas tidas como ordeiras, higiênicas e belas.

Do campo das singularidades pessoais/familiaristas, observamos como uma das variadas camadas semânticas do roteiro de László Nemes se encaminha para a disposição coletiva maior. A família, metáfora viva das instituições sociais, não é apenas a de Saul. Mais do que isso, é uma família maior, variada, heterogênea e ontologicamente conectada. Tal família estendida é feita pelas centenas de outras famílias de milhares de judeus húngaros que foram executados particularmente em Auschwitz-Birkenau. Esse deslocamento se amplia quando abrange os filhos de famílias que não são de judeus húngaros. A piedade do *Kadish* também atinge a propedêutica a ser oferecida inclusive, e talvez principalmente, aos filhos das famílias alemãs que arquitetaram a engenharia tecnocrática e desumanizante da *Shoah*.

Voltamos à reveladora entrevista que o diretor dá sobre sua obra, quando lhe perguntam sobre o que sobrevive nos foros pessoais depois da catástrofe produzida pelos nazistas e seus parceiros:

Question: What exactly is inner survival for you?

László Nemes: What happens when there is no more hope? Is there a possibility of a voice that would be ignited within, that in a sense tells you what to do? Is there such a thing? That is the central question, whether or not you have a choice inside. These are, I think, the most central thoughts of the film, at least for me.¹⁷

Apesar das drásticas limitações de escolhas que se pode fazer, há de se concertar/consertar estratégias para que a esperança também não seja exterminada. Esperança essa que não cabe no espectro restrito de ações e relações produzidas por sínteses disjuntivas exclusivistas. Nesse projeto de ação, a alteridade semelhante e a temporariamente dessemelhante constroem pontes dialógicas para um futuro inclusivo no plano da dignidade humana.

Considerações finais

Em um ponto dos desdobramentos da luta de Saul Ausländer para encontrar um rabino que realizasse o *Kadish* para a criança real e simbólica, seu chefe de equipe

¹⁷ NEMES, 2017.



pergunta se ele abandonará os vivos pelos mortos. Essa pergunta aponta para a relativa incompreensão de uma comunidade sobre uma ação aparentemente infrutífera ou até mesmo danosa para a última possibilidade de sobrevivência do grupo, que é a revolta e a fuga do campo. Com mais empatia, porém, compreendemos que o sacrifício será de cunho pessoal e familiar para se construir as possibilidades de sobrevivência de uma tradição que valoriza a salvação de uma vida, da imagem/memória de uma vida que assegura a salvação da humanidade inteira.

Seguindo essa perspectiva, o diretor afirma sobre a prática de empatia, de compaixão e de piedade em clave inclusiva:

Question: I guess that you look at things from a Foucaultian perspective. As Foucault argued, it is difficult not to think of politics as a matter of madness, saying that there is a form of revolt involved in madness. Here, we are acting against the form of organization in which we are supposed to live so apparently you are on the same path.

László Nemes: In fact, the movie represents different forms of resistance with the armed revolt being just one of them. Saul looked for another form of revolt and his attempt to look for his personal quest is what defines it for him. He is constantly moving between different places and behaviors, such as looking for a rabbi to give sense to his personal form of resistance. In the face of a situation in which there is no possibility of hope, Saul's inner voice commands him that he must survive, to be able to do a thing that bears meaning. The command was to show respect to a meaningful act that from the very origin of the community was very sacred, namely to bury a dead body.¹⁸

Em um contexto trágico no qual as possibilidades de se manter a esperança em relação ao princípio de vida evanescem-se de modo sistemático e brutal, há de se ter em foco a necessidade de ressignificação da vida pelo princípio da coexistência feita pela inclusão de seres humanos semelhantes, quanto à dispositivos de formação de subjetividades e, estrategicamente pela inclusão dos seres humanos dessemelhantes. Dessa forma, o que seria a preocupação com os mortos, complementa a preocupação pragmática com aqueles que continuarão vivos, mesmo que nas gerações futuras.

Por fim, objetivamos nesse estudos acompanhar outros desdobramentos presentes no filme. Particularmente, seguimos as ações de Saul Ausländer (Géza Röhrig), em sua

¹⁸ NEMES, 2017.



procura desesperada por um rabino que fosse capaz de rezar o *Kadish* pra um garoto morto em uma das câmaras de gás de Auschwitz-Birkenau.

Se, *a priori*, pensamos que esse judeu húngaro está apenas preocupado consigo mesmo e com seu núcleo familiar, mais adiante, percebemos que o menino não é seu filho. Mais que filho biológico, o cadáver pode simbolizar todos os filhos da comunidade judaica húngara que foram executadas pelo governo nazista e não tiveram quem por eles fizesse os rituais necessários e tradicionais. Assim, o filho é Saul passa a representar centenas de milhares de crianças judias assassinadas e invisibilizadas pelos anais históricos conservadores.

László Nemes resgata então um *Kadish* estendido para tais crianças, indo além quando nos sugere que esse ritual de piedade, de devoção e de empatia para com nossos filhos mortos, e para os filhos das famílias de todos os outros povos, também diz respeito às estratégias de construção de um tempo futuro no qual todos os povos tenham o devido respeito as suas crianças, seja em que contexto vivencial for.

Referências

ARAÚJO, António. *Sonderkommando: a morte entranhada na pele*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/02/25/culturaipilon/noticia/a-zona-cinzenta-1723804>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

CHABAD. O *cadish*. Disponível em: <www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/luto/cadish.html>. Acesso em: 05 ago. 2017.

CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA. *O que é o Kadish?* Disponível em: <www.cip.org.br/chevra-kadisha/duvidas-frequentes/o-que-e-o-kadish/>. Acesso em: 05 ago. 2017.

DEE, Ivan R. *Eyewitness Auschwitz: Three Years in the Gas Chambers* de Filip Müller. Washington DC: Paperback/In association with the United States Holocaust Memorial Museum, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Um Édipo exagerado. In: _____. *Kafka - Para uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Psicanálise e familiarismo: a sagrada família*. In: _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1972.

FELDMAN, Ilana. *O irrepresentável no filme 'Filho de Saul'*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1743669-o-irrepresentavel-no-filme-filho-de-saul.shtml>. Acesso em: 26 ago. 2017.

FRIEDMAN, Elizabeth. *The anti-archive? Claude Lanzmann's Shoah and the dilemmas of holocaust representation*. *English language notes*. V. 45. Boulder: University of Colorado, 2007. p. 111-121.

FROMER, Rebecca. *The Holocaust Odyssey of Daniel Bennis, Sonderkommando*. Alabama: University Alabama Press, 2003.

GANJAVIE, Amir. *The reality of Death: An Interview with László Nemes about "Son of Saul"*. Disponível em: <<https://mubi.com/notebook/posts/an-interview-with-laszlo-nemes>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

GILBERT, Martins. *The Holocaust*. New York: Henry Holt and Company, 1985.

GREIF, Gideon. *We Wept Without Tears: Testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz* de Gideon Greif. Yale: Yale University Press, 2005.

HESSEL, Marcelo. *A representação do horror e a maldição de Forrest Gump*. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/o-filho-de-saul/?key=105198>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

HOLOCAUST Education & Archive Research Team. *Sonderkommando Revolt - Auschwitz-Birkenau*. Disponível em: <www.holocaustresearchproject.org/revolt/sonderevolt.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

JUNQUEIRA, Camila. *6 fatos sobre "Filho de Saul", filme estrangeiro vencedor do Oscar 2016*. Disponível em: <www.vix.com/pt/bbr/cinema/4010/6-fatos-sobre-filho-de-saul-filme-estrangeiro-vencedor-do-oscar-2016>. Acesso em: 05 ago. 2017.

LANZMANN, Claude. *Shoah*. 548'. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2013. 1 DVD.

LANZMANN, Claude. *Shoah*. Vozes e faces do Holocausto. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NEMES, László. *Anatomy of a Scene*. Disponível em: <cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,o-filho-de-saul-busca-nova-representacao-do-holocausto-nas-telas,10000014623>. Acesso em: 20 ago. 2017.

OCAÑA, Javier. *O filho de Saul, a um metro do inferno*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/cultura/1452782405_801210.html>. Acesso em: 25 ago. 2017.

OGEDA, Alessandra. *Saul Fia - So of Saul - o filho de Saul*. Disponível em: <<https://movienonsense.com/2016/06/02/saul-fia-son-of-saul-o-filho-de-saul/>>. Acesso em: 25 ago. 2017.



RIBEIRO, Gustavo Silveira. *Toda a orfandade do mundo*. Disponível em: <<https://espantalhosdesamparados.wordpress.com/2013/10/20/shoah-tempo-arquivo-cancao-iii/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

ROCCAS, Ronit. We did the dirty work of the Holocaust: Sonderkommando Auschwitz. *Ha'aretz*, May 2000.

ROITBLOG. *Kadish em português. A oração dos mortos*. Disponível em: <roitblog.blogspot.com.br/2015/07/kadish-em-portugues.html>. Acesso em: 5 ago. 2017.

SANTIAGO, Luiz. *O filho de Saul*. Disponível em: <www.planocritico.com/critica-o-filho-de-saul/>. Acesso em: 25 ago. 2017.

SAUL Fia/Filho de Saul. Direção: László Nemes. Produção: Gábor Rajna e Gábor Sipos. Roteiro: László Nemes e Clafra Royer. Hungria: Films Distribution, 2015. 1 CD-Rom (107 min), color.

SHIELDS, Jacqueline. *Concentration Camps: The Sonderkommando*. Disponível em: <www.jewishvirtuallibrary.org/the-sonderkommando>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio Seligmann-Silva. O filho de Saul, de László Nemes: um novo mito de Auschwitz? *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 10, n. 18, maio 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/10634>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

SPADA, Guilherme. *A procura de um Deus no inferno*. Disponível em: <www.cineplayers.com/critica/o-filho-de-saul/3234>. Acesso em: 05 ago. 2017.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, WASHINGTON, DC. *Revoltas nos campos de extermínios*. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007747>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

VENEZIA, Shlomo. *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

YESHUA CHAI. *A oração do Kadish*. Disponível em: <www.yeshuachai.org>. Acesso em: 6 ago. 2017.

Recebido em: 01/09/2017.

Aprovado em: 20/09/2017.